

Cristiano Ronaldo e Eusébio – Dois olhares contemporâneos

Francisco Pinheiro

Universidade de Coimbra (UC), Coimbra / Portugal

franciscopinheiro72@gmail.com

Recebido em: 31 de agosto de 2016.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.

O cinema e o desporto são dois dos elementos mais globais da contemporaneidade, considerados mesmo “os dois fenómenos de massas mais intensos e fantásticos dos nossos tempos”.¹ Nasceram no mesmo tempo histórico, em finais do século XIX, e acabaram por se relacionar de múltiplas formas desde então, numa ligação que foi centrada primordialmente no uso do desporto pelo cinema. A relação assumiu diversas formas, destacando-se os filmes documentais sobre os Jogos Olímpicos e suas modalidades, os filmes biográficos sobre figuras do desporto e filmes que retratam o mundo que o rodeia (e.g. corrupção, apostas, os meandros das instituições desportivas, das equipas, das competições ou dos atletas), incluindo filmes que abordam as paixões humanas tendo o desporto como pano de fundo. Esta resenha centra-se em dois filmes que entram na categoria de documentários biográficos, dedicados aos dois jogadores portugueses mais importantes da história do futebol: Cristiano Ronaldo e Eusébio.

O futebol é um dos elementos mais determinantes da cultura popular portuguesa contemporânea, dominador de audiências televisivas e dos discursos populares. Neste contexto, analisar estes dois documentários – *Ronaldo* (2015) e *Eusébio, a pantera negra* (1973) –,

¹ ALONSO. *Cine y deporte*, p. 7.

separados por mais de quarenta anos, parece-me relevante para tentar entender a contemporaneidade.

As questões técnicas e processuais destes dois documentários serão secundarizadas, em detrimento de uma visão indutiva. A análise tem quatro momentos² entrecruzando os documentários: o tema do documentário, que deveria refletir a vida real e omitir a ficção; o conceito, que deveria ser a procura da verdade e o reflexo da sociedade, sem artificios estéticos ou objetivos de entretenimento; a finalidade, que pode ser informativa e/ou geradora de uma consciência do público sobre o tema; e a técnica, numa tentativa de aproximação à verdade dos factos e destaque dos aspetos mais interessantes do que foi filmado. Ao estarem separados temporalmente por mais de quatro décadas, os contextos políticos, sociais, económicos, culturais, mediáticos e desportivos em que ambos documentários foram produzidos, realizados e estreados são literalmente diferentes.

O filme *Ronaldo* fez a antestreia em Londres a 9 de novembro de 2015, com a presença do jogador, do realizador e dos produtores, estreando-se em mais de trezentas salas de cinema a nível mundial, das quais 25 eram portuguesas – foi também colocado à venda em 75 países, em formato DVD, *Blu-ray* e para aluguer nos videoclubes dos principais operadores de televisão internacionais. Foi realizado por Anthony Wonke (vencedor de um prémio Bafta, da British Academy of Film and Television Arts, em 2008, pela série documental *The tower: a tale of two cities*) e produzido por Paul Martin, James Gay-Rees e Asik Kapadia (vencedor de dois prémios Bafta – de melhor filme britânico de 2003 com *The warrior* e de melhor documentário de 2010 com *Senna* – e do Óscar de melhor documentário de 2015 com *Amy*). O filme foi divulgado intensamente pelas redes sociais, com Cristiano Ronaldo a ser a celebridade mundial mais seguida no Facebook em 2015, superando os 107 milhões de fãs. Na rede Twitter, o jogador era igualmente o mais procurado, com mais de 34 milhões de seguidores, num total de mais de 141 milhões de fãs nas duas redes sociais.

No caso de *Eusébio, a pantera negra*, apesar de terminado em 1973, estreou-se somente em 11 de abril de 1974, no Politeama, em Lisboa, não contando com a presença do realizador espanhol Juan de Orduña, falecido em 3 de fevereiro desse ano, aos 73 anos. Orduña tinha

² Cf. ALONSO. *Cine y deporte*, p. 13.

dedicado os últimos anos da sua carreira a temas da cultura popular espanhola, em especial ao género musical das *zarzuelas*. Catorze dias depois da estreia, o panorama político alterou-se profundamente, com o fim do regime fascista e a instauração da democracia, secundarizando todos os outros fenómenos sociais, num Portugal marcado pela pobreza, emigração, analfabetismo e pela guerra colonial. O futebol, tal como Fátima (representando o catolicismo português e a relação próxima entre o regime fascista e a Igreja Católica) e o fado (música tradicional portuguesa, fatalista e triste, representando um sentimento nacional de conformismo) acabaram por ser apontados como instrumentos ideológicos de controlo social do fascismo português, ganhando a designação de os “três f’s” do Estado Novo. O futebol português, pela primeira vez na sua história, abrandava no seu processo de popularização, o qual seria retomado pouco tempo depois, quando a poeira do tempo revolucionário foi assentando, em finais da década de 1970.

Em ambos os filmes, o tema é claro: fazer um documentário biográfico de um futebolista. Cristiano Ronaldo e Eusébio participam diretamente nos seus respetivos documentários, dando o cunho de “oficial e autorizado” aos filmes. Ambos os jogadores surgem como principais narradores da sua própria história, refletindo uma vida real “limpa” (de discussões e dilemas familiares, amorosos, profissionais). Neste género de filmes, o cinema sempre tentou criar mitos, destacando a parte dura e difícil da vida dos jogadores, e o custo da sua ascensão à fama e ao êxito. Estes dois documentários respeitam muito a veracidade dessa ascensão, mas acabam por romancear a vida familiar, social e amorosa. Estão presentes os binómios clássicos de sacrifício/fama, pobreza/riqueza, dor/felicidade, tragédia/êxito. O retrato de ambos é comum: sujeitos de vida “limpa”, de postura positiva e concentrados nos seus objetivos desportivos, ao mesmo tempo que humanos e acessíveis. Em termos de conceito dificilmente os podemos considerar documentários que procuram a “verdade”, embora reflitam uma parte da sociedade do seu tempo. Há um claro objetivo de entretenimento, de romancear a vida do herói, que em ambos os casos é um herói bonito, elegante. O culto ao corpo, ao próprio corpo, é regular no filme *Ronaldo*, que ao longo das gravações (14 meses, entre 2014 e 2015) está no auge desportivo e físico, com 29 anos. Eusébio, apesar dos seus 31 anos, encontra-se na fase descendente da carreira, muito afetado por lesões devido às entradas

duras dos adversários (contrasta o futebol duro dos anos 1960 e 1970 com o da atualidade, em que se protege o talento).

Os dois documentários não podiam começar de forma mais distinta. Em *Ronaldo* vemos o protagonista encaminhar-se para o carro, “à James Bond”, elegantemente vestido, sorrindo para a câmara quando se senta, com a sua mansão de fundo, numa noite clara. Liga o motor do carro, potente, e arranca, tranquilo, seguindo-se a sua voz e a frase: “Vencer, a coisa mais importante para mim... tão simples quanto isso.” É regular este género de *clichés*, como que retirados de um manual de liderança e motivação. Por seu turno, em *Eusébio, a pantera negra*, são os adeptos que surgem no início, encaminhando-se para o Estádio da Luz e depois assistindo a um jogo de futebol. Milhares de fãs assistem a um encontro e de repente a câmara procura Eusébio, o capitão do SL Benfica, em pleno campo, seguindo-o de longe. O narrador é Eusébio, que após a abertura nos transporta, pela sua voz e figura, para Lourenço Marques (atual Maputo), em Moçambique, e para o bairro da Mafalala, onde passou a infância e aprendeu a jogar futebol.

Em ambos os casos, as infâncias têm semelhanças: ambos nasceram em bairros pobres, no seio de famílias alargadas, com a mãe a assumir as responsabilidades familiares. A figura da mãe tem um enorme protagonismo nos documentários, com Eusébio e Cristiano Ronaldo a encarnarem o papel do “bom filho”, que ao obter o sucesso passou a cuidar da mãe e da família. Em ambos casos é cuidadosamente escolhida a música para as cenas com a figura maternal, sendo o pai praticamente ausente – em *Eusébio* o pai não é lembrado (morreu quando ele tinha 8 anos) enquanto em *Ronaldo* surge episodicamente, retratado como alcoólico e ausente no processo de crescimento dos filhos. Em ambos filmes, os dois jogadores acabam por projetar a figura paternal noutras personagens: Eusébio, na figura do treinador e amigo “Chico”, que o descobriu para o futebol e o foi acompanhando ao longo da carreira; e Cristiano Ronaldo, na do agente de futebol Jorge Mendes, que conheceu aos 16 anos e que o acompanhou desde então.

Surge também nos dois casos um momento comum, a vinda para Lisboa e as dificuldades inerentes ao afastamento da família e à adaptação a uma nova realidade, reforçando sentimentos à volta do binómio sacrifício/fama. Cristiano Ronaldo viaja desde a Madeira, com 12 anos, para a academia do Sporting CP, enquanto Eusébio vem de Moçambique, com 17 anos, para o SL Benfica. Há um sentimento comum de solidão,

que acaba atenuado e ultrapassado pelos sucessos desportivos. Eusébio casa-se com Flora e tem duas filhas, fazendo praticamente toda a carreira no SL Benfica, onde ganha fama internacional. Cristiano Ronaldo deixa o Sporting CP muito jovem, rumo ao Manchester United e depois ao Real Madrid. E é em Madrid que se concentra grande parte da história do seu documentário, mas é sempre uma história “limpa”, sem mulheres nem vícios. O sexo nunca surge em *Ronaldo*, ao contrário do filme sobre Eusébio, em que é abordado. No caso de *Ronaldo*, é o retrato do herói masculino, focado na carreira, determinado em “ser o melhor de sempre” e com a convicção disso: “fui feito para ser o melhor”, afirma. A finalidade de *Ronaldo* é em grande parte consciencializar o público para um novo-velho paradigma ético e moral à volta do desporto, em que “não interessa se jogas bem ou mal, o que interessa é quem ganha”. E o futuro não importa, sendo relegado pela importância do presente, pelo “agora”.

Dois Mundiais de futebol acabam também por ser retratados, mas por razões opostas. O Mundial de 1966, em que os ingleses apelidaram Eusébio de novo “king” do futebol mundial (em substituição do velho “rei”, Pelé), com Portugal a atingir o terceiro lugar; e o Mundial de 2014, no Brasil, com a desilusão inerente à não qualificação na primeira fase de grupos e à derrota humilhante perante a Alemanha. Em ambos os casos surge a figura do arquirrival: Messi, no caso de Cristiano Ronaldo, e Pelé, no de Eusébio. Mas a relação Messi/Ronaldo é muito mais acentuada e explorada, com Cristiano Ronaldo a afirmar que “a rivalidade é criada pela imprensa”, reconhecendo que Messi o faz melhor jogador e ele tem o mesmo efeito no jogador argentino.

Ao longo dos documentários, Cristiano Ronaldo e Eusébio acabam por ser retratados como heróis desportivos que conquistam a fama através do esforço, do trabalho e da determinação, sendo valorizados mais estes aspetos que o talento que lhes era inerente. A narrativa à volta de Eusébio é construída de forma a apresentá-lo, no final, como o melhor jogador da história do futebol português, enquanto no caso de Cristiano Ronaldo ela pretende retratá-lo como o “melhor de sempre” (nas suas próprias palavras) do futebol mundial, que ambiciona ser “o melhor desportista do mundo de todos os tempos” (nas palavras de Jorge Mendes). Esta é a técnica utilizada regularmente em *Ronaldo*, em que o atleta assume que quer “viver como um rei” quando terminar a carreira. A figura do filho, de quatro anos, humaniza a tradicional imagem do futebolista de

fio de ouro, relógios caros e carros de alta cilindrada, que acaba por ser a imagem projetada em *Ronaldo* e um *cliché* do futebolista profissional atual. Em *Eusébio* há mais por explorar, como a dimensão africana e a do negro no futebol português e europeu, assim como a da efemeridade da fama e as questões de estética e poética do futebol, na aceção de Pasolini.

Referências

ALONSO, José Salvador. *Cine y deporte*. Coruña: Libros de Bastiagueiro, 2004.

CASANOVAS, Carme Oró. *Deporte en el cine*. Sevilha: Wanceulen Ed. Deportiva, 2010.

EUSÉBIO, a pantera negra. Realização: Juan de Orduña. Lisboa: Triton, 1973.

PASOLINI, Pier Paolo. *Sobre el deporte*. Barcelona: Contraediciones, 2015.

RONALDO. Produção: Paul Martin; James Gay-Rees; Asik Kapadia. Realização: Anthony Wonke. London: On The Corner Films, 2015. DVD, Blu-Ray.